

Brasil e Ucrânia

» ALMIR PAZZIANOTTO PINTO

Advogado, foi ministro do Trabalho e presidente do Tribunal Superior do Trabalho

“A Rússia sempre honra a palavra, exceto em caso de necessidade”

Josef Stalin

O Brasil situa-se a mais de 10,6 mil quilômetros da Ucrânia. Separamos o Oceano Atlântico e a Europa Ocidental. Somos diferentes em tamanho, número de habitantes, idiomas, recursos econômicos e naturais, tradições, desenvolvimento humano e cultural. Mesmo assim, é impossível calar a indignação diante da guerra de conquista deflagrada pela Federação Russa contra o povo ucraniano. Guerra suja, com o objetivo de submeter à escravidão um Estado soberano, cuja independência foi conquistada após a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) em 8/11/1991, graças às reformas do secretário-geral Mikhail Gorbachev (1985-1991), responsável pela política conhecida como Perestroika (reestruturação) e Glasnot (transparência).

Imaginava-se que a debate da URSS e a recuperação da liberdade pelos países satélites significavam o fim da Guerra Fria e da corrida armamentista, período em que os Estados Unidos da América e a União Soviética disputavam a primazia em poderio bélico, baseado no armamento nuclear.

A Ucrânia jamais deixou de ser alvo da Rússia. Durante o regime stalinista (1924-1953), movimentos pela independência foram reprimidos e assassinados os líderes nacionalistas. Vladimir Putin, sucessor de Stalin como ditador e na crueldade, preparou-se desde que assumiu o poder em 2000 para a invasão do território vizinho, como primeiro passo para a reconquista dos antigos satélites e a reconstrução da cortina de ferro.

A superioridade em armas da Rússia ante a Ucrânia é devastadora. É alarmante a mensagem divulgada pela imprensa internacional de estar disposta a fazer uso do arsenal nuclear contra o mundo livre. Há poucos dias, ameaçou intervir na Finlândia e na Suécia, na hipótese de aderirem à Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan). Desafia a Organização das Nações Unidas (ONU) por aprovar, pela quase unanimidade dos países membros, declaração de repulsa à invasão. Enquanto a infantaria russa encontra dificuldades para vencer a resistência do povo ucraniano, aviões e artilharia bombardeiam instalações civis provocando



GOMEZ

destruição e milhares de mortos e feridos. O Brasil permanece em posição vacilante. O representante na ONU se coloca ao lado dos países amantes da liberdade, mas o presidente Jair Bolsonaro, após desastrosa visita a Vladimir Putin, reluta em condenar a selvageria, preocupado com a importação de fertilizantes.

Mais uma vez, o presidente passa recibo de falta de coragem e ausência de liderança. Adotou a pior das posições como chefe de Estado. Ao recusar apoio a povo livre, empenhado em defender a soberania contra os cossacos de Putin, cobre-nos de vergonha. Ignora o Preâmbulo da Constituição, em que o povo assume solene compromisso com “a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias”.

A guerra, escreveu Carl Von Clausewitz, “é a realização da política por outros meios”. Vladimir Putin faz da invasão da Ucrânia instrumento político destinado a subjugar patriotas cujo objetivo consiste em preservar a liberdade. A Rússia nunca foi democrática e pacífica. Faz da guerra uma espécie de cultura para avassalar vizinhos fracos. Colaborou com Hitler quando o nazismo ocupava a Polônia e massacrava judeus no Gueto de Varsóvia.

Josef Stalin, em quem se inspira Vladimir Putin, morreu aos 73 anos. Foi sepultado no Mausoléu de Lenin. Algum tempo depois, com a divulgação de relatório oficial sobre os crimes cometidos, teve o nome apagado, foi exumado e emparedado no Muro do Kremlin, em Moscou.

A invasão da Ucrânia deflagra corrida armamentista. Biliões serão retirados da saúde, da educação, do transporte, da habitação, do desenvolvimento científico, do socorro aos necessitados, para serem investidos em mensageiros da morte. Com as Forças Armadas desaparelhadas, como ficará o Brasil? Gastará dinheiro na aquisição de armas modernas e munições? Aumentará o efetivo do Exército, Marinha e Aeronáutica?

Afinal, diante da evolução do conflito, como fica o governo diante do mundo? Assume as responsabilidades perante os países livres, democráticos, independentes, ou mantém o apoio a Vladimir Putin, emulo na crueldade de Hitler e de Stalin?

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

A morte do bom senso

No segundo dia da guerra entre Rússia e Ucrânia, esse espaço alertava para a urgência de providências no sentido de conter a poderosa máquina bélica de Putin, primeiro por meio de uma possível declaração do presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, estabelecendo a neutralidade de seu país nas questões entre Moscou e a OTAN a exemplo da Finlândia durante a Guerra Fria.

Por uma razão simples e imposta pelo pragmatismo político: a impossibilidade real da Ucrânia em conter possível avanço da máquina de guerra russa. Segundo, para preservar a vida de cidadãos ucranianos, homens, mulheres, crianças e idosos, que seriam alvo dos ataques russos. Conhecendo a belicosidade de Putin, essa seria a melhor estratégia de um governante sensato, pois desmancharia os argumentos do ditador para invadir o país vizinho.

Não se trata de pretensão de posar de estrategista de guerra ou coisa parecida. A questão envolve o bom senso, um atributo que, em tempos de violência, desaparece como fumaça no vento. Agora, com o estabelecimento da guerra ou, mais precisamente, de um massacre sobre o povo ucraniano, principalmente da sua parcela civil, parece tarde para recuar.

Para complicar um problema que tende a crescer, o presidente ucraniano parece fazer o jogo que o Kremlin deseja: estender o conflito para toda a borda que margeia a Rússia, incluindo na batalha todos os países que faziam parte da antiga União Soviética. Ao apelar para que países como os Estados Unidos e a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) entrem nesse conflito, o que o presidente ucraniano está fazendo é acender o pavio para uma guerra generalizada em todo o continente europeu, o que seria um prenúncio tenebroso para uma terceira e definitiva guerra mundial.

É certo também que Putin e seus generais poderiam resolver a questão do cerco da Otan ao território russo estabelecendo um cordão de proteção armada ao longo apenas das fronteiras dos países limítrofes. Mas todas essas foram hipóteses lançadas na lata de lixo. De fato, ao açular os instintos bélicos de Putin, em nome de um patriotismo que sempre custa a vida da população local, Zelensky abriu as portas para o avanço dos russos sobre seu país.

O mundo, que a tudo assistia e que também não acreditava numa guerra de fato, foi apanhado por um tipo de surpresa anunciada. O fato é que a Europa, que enfrentou décadas de guerras sangrentas, teme a volta dos conflitos armados, que podem se espalhar para outros becos sem saída preexistentes em seus territórios, como é o caso da questão das levas de imigrantes vindos da África e do Oriente, além da questão dos muçulmanos versus cristãos, ainda não resolvidas desde as Cruzadas.

Mesmo as delicadas questões envolvendo os países Balcãs poderiam, em caso de uma guerra generalizada, voltar a incendiar todo o continente. Existe, de fato, um tênue equilíbrio político em toda a Europa que pode ruir, caso haja uma escalada dos conflitos. Não foi apagado, no tempo devido, o pavio de pólvora nos dias que antecederam a invasão russa. Agora, pelo desenrolar dos acontecimentos, a guerra parece que seguirá seu curso natural, inflamando o continente e trazendo mais insegurança para todos os europeus, isso se as contendidas ficarem restritas apenas à Europa. Caso outros protagonistas, como os Estados Unidos e a China, entrem nesse conflito, os rumos do planeta imbicarão para um abismo sem fundo.

» A frase que foi pronunciada

“O poder da palavra é ilimitado. Muitas vezes, uma boa palavra era suficiente para deter um exército em fuga, transformar a derrota em vitória e salvar o país.”

Emile de Girardin, Jornalista francês (1802-1881)

Pnad e IBGE

» Nova pesquisa mostra que mais de 580 mil empresas do Brasil foram fechadas entre abril de 2019 e dezembro de 2021.

Equilíbrio e contraste

» Impedir o primeiro retorno das primeiras quadras pares do Lago Norte foi ótimo nos horários de pico, ou seja, no máximo por quatro horas por dia. Nas outras 20 horas, os moradores são obrigados a cumprir um percurso inútil.

Branda demais

» Em breve, o Estatuto do Idoso será alterado pelo Projeto de Lei nº 154/22, que dispõe sobre o aumento da punição para os crimes de negligência e apropriação indevida de bens praticados contra pessoas com 60 anos ou mais. A punição que era de dois meses a um ano de detenção e multa, passará para dois meses a dois anos de detenção e multa. Muito pouco.

Projeto Índia Amazônia

» Amanhã, o Centro de Ensino Médio 404 (CED 404), de Santa Maria, recebe o Projeto Índia Amazônia (Piama) em escolas e em unidades de internação. A iniciativa incentiva a prática da leitura e debates sobre a Amazônia, por meio de rodas de leitura poética e lúdicas, com Chico de Aquino, escritor do texto *Índia Amazônia*. O projeto será realizado por meio de um termo de fomento da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa (Seccec) do Distrito Federal.

» História de Brasília

Quanto aos candangos, mesmo vivendo em invasões e em barracos de madeira estão em melhor situação que em suas terras de origem, onde a fome rondava seus lares hoje abastecidos. (Publicada em 18/2/1962)

A mulher e o futuro do planeta

» LEILA BARROS

Senadora

Desde 1975, a cada 8 de março, o mundo volta as atenções para a questão feminina. É a data na qual se celebra o Dia Internacional da Mulher. De lá para cá, é inegável que avanços ocorreram e muitas conquistas foram alcançadas. Porém, também não se pode omitir que ainda é longo e penoso o caminho que nos levará à tão almejada igualdade de gênero. Na verdade, a própria condição feminina continua a nos exigir muito mais luta e reflexão do que festa e celebração. Prosseguimos sendo vítimas de machismo, misoginia e violência doméstica. Nossa participação política é insuficiente. No mercado de trabalho, mesmo ocupando cargos iguais e desempenhando o mesmo tipo de serviço, recebemos menores salários.

A sociedade ainda não reconhece o papel feminino. Da mesma forma, não é comum encontrar uma mulher no topo da hierarquia das grandes empresas ou instituições. Quando isso ocorre, essa pessoa do sexo feminino que superou todo tipo de adversidades para — com sua competência e valor — ascender profissional ou socialmente, muitas vezes é vista com desdém ou desconfiança. Nesses tempos de mídias sociais, esse tipo de perseguição e preconceito se torna mais evidente e constante ainda. Porém, se formos observar o outro lado da pirâmide social, a situação é

completamente inversa. A Organização das Nações Unidas divulgou que cerca de 70% do 1,3 bilhão de pessoas que sobrevivem na linha de pobreza são mulheres.

Esse foi um dos dados que motivou a Organização das Nações Unidas (ONU) a escolher como tema para o Dia da Mulher de 2022 “Igualdade de gênero hoje para um amanhã sustentável”. Estudos da organização mundial descobriram que, em virtude das desigualdades sociais e por sua posição de maior vulnerabilidade, as mudanças climáticas e seus efeitos devastadores atingem mais as mulheres. Também é sobre o sexo feminino que recairá a maior parte dos prejuízos provocados pela mudança do clima. Portanto, nada mais justo que as mulheres também participem da construção de um modelo que dê sustentabilidade ao meio ambiente.

Somos todos habitantes deste planeta, e devemos ter direitos e compromissos semelhantes e dividir responsabilidades. Até porque, nesse período todo em que majoritariamente os homens deram as cartas, as coisas não parecem ter ido muito bem. Essa mesma união de esforços entre os gêneros, que a ONU propõe para salvar o meio ambiente da agonia, deve ser replicada nas esferas de poder aqui no nosso país. Sobretudo, depois de mais de dois anos de pandemia e de uma

guerra cujos efeitos e consequências catastróficas assombram o mundo, precisamos unir as capacidades de mulheres e homens para encontrar soluções que minimizem o sofrimento de nossa gente. O Brasil precisa dessa parceria para se reconstruir de forma mais justa e igualitária.

A Câmara dos Deputados pode colaborar aprovando, por exemplo, o PLC 130/2011, que estabelece multa para empresas que remunerem com salários diferentes homens e mulheres que façam o mesmo trabalho. Os deputados também podem votar as emendas ao PL 123/2019, que reserva pelo menos 5% dos recursos do Fundo Nacional de Segurança Pública para o combate à violência contra a mulher. Como relatora da matéria no Senado, sei o quanto essa lei será importante para preservar vidas. Nós, senadores, podemos deliberar sobre uma reforma tributária que simplifique o recolhimento de impostos e contribua para a geração de emprego e renda e o aumento da competitividade de nossas empresas. Também temos que nos debruçar sobre as diversas matérias que tratam da questão ambiental. Entre eles, temos que impedir a flexibilização do controle e a utilização de agrotóxicos. Atuando em conjunto, mulheres e homens, temos muito o que contribuir para um futuro melhor.